

PERCEPÇÃO DE VARIABILIDADE DE GRUPO

Modelos de compreensão, resultados empíricos e tendências actuais

Ana Guinote

Resumo Normalmente, os membros de grupos aos quais não pertencemos, são percebidos de forma menos diferenciada e complexa do que os membros de grupos, aos quais pertencemos. Este fenómeno, a que se chama efeito de homogeneidade do exogrupo, tem sido um dos principais alvos de interesse na investigação em percepção social intergrupar. Neste artigo são discutidas as principais medidas, os resultados e as abordagens explicativas deste efeito. São ainda consideradas as evoluções mais recentes, como sejam o estudo dos factores contextuais que influenciam a percepção de variabilidade de grupo, nomeadamente a percepção de variabilidade em contextos maioritários e minoritários, e a aplicação dos conhecimentos sobre percepção de variabilidade a outros domínios da psicologia social. Por fim é referida a necessidade de se considerar a percepção de variabilidade de grupo em relação com as necessidades funcionais do perceptor social.

Palavras-chave variabilidade; percepção intergrupar; efeito de homogeneidade do exogrupo.

We [Americans] know... that not all Americans are dollar-worshippers, breezy or vulgar. Nor are they all friendly and hospitable. On the other hand, Europeans, who know us less well, often view us as one big monolithic unit having all these qualities (Allport, 1954).

Introdução

Todos nós temos por vezes dificuldade em diferenciar as pessoas de grupos, aos quais não pertencemos. Pensemos, por exemplo, nos asiáticos. Quando nos dizem que o mesmo acontece com eles em relação a nós europeus, pensamos que isto só pode residir na indiferenciação dos asiáticos, já que nós sabemos que somos todos diferentes uns dos outros. Só com vários anos de convivência com os asiáticos é que os passamos a perceber de forma mais diferenciada. Esta indiferenciação de membros de grupos, aos quais não pertencemos, pode criar situações desagradáveis e, por vezes, anedóticas. Assim, por exemplo, aproveitando este efeito de homogeneização de grupos, aos quais não pertencemos, asiáticos da cidade de Estugarda que não possuíam passe social deslocavam-se nos transportes públicos

Ana Guinote, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa.

usando os passes dos seus amigos. Até que as autoridades descobriram... Apesar de alertados para este facto, os controladores dos transportes públicos queixavam-se que faziam todos os esforços, mas não podiam reconhecer com precisão indivíduos asiáticos e nada podiam fazer contra a situação. Após vários debates sobre o assunto recorreu-se a um princípio da legislação alemã, segundo o qual as autoridades só podem exigir a identificação dos cidadãos em situações muito especiais. Esta passou a ser considerada então uma situação especial. Os asiáticos passaram a ter de se fazer acompanhar pelo seu bilhete de identidade, já que a identificação de números e letras é uma tarefa muito mais fácil do que a identificação de faces de um grupo tão desconhecido como aquele.

A percepção de variabilidade de grupo, ou seja, o grau em que percebemos membros de um grupo com diferenças entre si, tem sido uma das áreas mais estudadas no domínio dos estereótipos. O interesse por esta matéria aumentou quando alguns resultados experimentais revelaram que os grupos sociais não são apenas representados por protótipos, ou seja, pela tendência central ou média das características dos membros do grupo, mas também por informação de variabilidade. Além disso, como se depreende do que foi dito anteriormente, verificou-se que há uma tendência para perceber membros de grupos aos quais não pertencemos como mais semelhantes entre si do que membros de grupos aos quais pertencemos. Este efeito, a que se chamou efeito de homogeneidade do exogrupo, veio a desencadear uma diversidade enorme de investigação em torno da sua compreensão e explicação, bem como das suas consequências para outras áreas da percepção social. Este artigo tem exactamente como objectivo fornecer uma visão global dos conceitos básicos, das medidas e das abordagens explicativas. O leitor interessado poderá encontrar revisões de literatura nos artigos de Quattrone (1986), Park e Judd (1990; para medidas de variabilidade) e de Devos, Comby e Deschamps (1996; com ênfase na importância dos níveis de análise no estudo da percepção de variabilidade). Neste artigo, em termos das tendências recentes, serão abordados em especial os resultados da percepção de variabilidade em contextos maioritários e minoritários.

O efeito de homogeneidade do exogrupo: definição, medidas e abordagens explicativas

O efeito de homogeneidade do exogrupo refere-se a uma assimetria na acentuação das semelhanças do endogrupo e do exogrupo, segundo a qual o exogrupo é percebido de forma mais homogênea que o endogrupo. A percepção de semelhanças dos membros de um grupo pode ser abordada segundo diferentes perspectivas e são também diversas as medidas de percepção de variabilidade. Park e Judd (1990) definem dois tipos diferentes de variabilidade de grupo: uma relativa à dispersão percebida dos membros do grupo ao longo de várias dimensões, usadas na caracterização dos grupos, e outra relativa ao grau em que um grupo é percebido de acordo com os estereótipos existentes. Estes autores consideram a existência de três tipos diferentes de medidas: atribuição de estereótipos, percepção de

dispersão e percepção de semelhanças entre membros de um grupo. Esta última medida refere-se, na opinião dos autores, tanto ao aspecto de dispersão, como ao aspecto de atribuição de estereótipos. Quattrone (1986), por sua vez, faz uma distinção entre variabilidade dimensional, variabilidade taxonómica e variabilidade geral. A variabilidade dimensional refere-se às dimensões psicológicas que as pessoas utilizam na percepção do mundo social, a variabilidade taxonómica refere-se à covariação dos atributos dimensionais e a variabilidade geral refere-se à impressão geral do grau em que os membros de um grupo são semelhantes entre si.

Várias medidas de dispersão têm sido desenvolvidas com base nas dimensões psicológicas utilizadas na percepção do mundo social. A maior parte das medidas utilizadas em estudos de percepção de variabilidade enquadra-se dentro deste tipo: Brown e Smith (1989), Jones, Wood e Quattrone (1981), Kashima e Kashima (1993), Kelly (1989), Linville e Jones (1980), Park e Rothbart (1982), Quattrone e Jones (1980), Simon e Brown (1987), Stephan (1977), Simon e Pettigrew (1990), Thompson *et al.* (1997). Um exemplo deste tipo de medidas consiste em pedir aos sujeitos que imaginem 100 membros de um grupo escolhidos ao acaso e os distribuam ao longo dos vários graus de cada dimensão apresentada. Desta medida pode extrair-se uma série de indicadores, como a probabilidade de diferenciação (Linville, Fischer e Salovey, 1989),¹ a amplitude, o desvio-padrão e a média. Uma outra medida dimensional consiste em pedir aos sujeitos que assinalem com duas cruzes, em cada escala (ou seja, em cada dimensão), os valores dos indivíduos mais extremos do grupo, isto é, o valor dos que mais possuem o atributo em questão e o valor dos que menos possuem esse atributo. Segundo esta medida, quanto maior a amplitude entre os dois valores, maior a percepção de variabilidade.

A percepção de covariação entre as dimensões associadas aos grupos tem sido, também, objecto de estudo. Consideremos, por exemplo, que duas pessoas concordam em caracterizar um grupo utilizando como atributos principais o trabalho e a inteligência. Apesar da sua percepção dimensional poder ser a mesma, a correlação entre estes atributos pode variar para as duas pessoas. Uma pessoa pode, por exemplo, perceber os membros do grupo como sendo inteligentes e trabalhadores ou não inteligentes e não trabalhadores. Neste caso teríamos uma covariação máxima que corresponde à homogeneidade máxima do grupo. A outra pessoa pode perceber estes atributos como sendo caracterizados por uma covariação baixa. Neste caso, quatro situações são possíveis: os membros do grupo podem ser percebidos como inteligentes e trabalhadores; inteligentes e não trabalhadores; não inteligentes e trabalhadores; não inteligentes e não trabalhadores. Uma medida taxonómica consiste em apresentar aos sujeitos um número elevado de atributos e pedir-lhes que agrupem esses atributos e que criem uma tipologia que descreva um determinado grupo. Quanto maior o número de grupos criados, maior a variabilidade taxonómica percebida. Embora as medidas de covariação sejam utilizadas com menos frequência do que as medidas dimensionais, encontram-se em vários estudos: Linville e Jones (1980), Linville, (1982), Brewer e Lui (1984). Linville (1982), por exemplo, pediu as sujeitos universitários para efectua-

rem uma tarefa segundo a qual tinham que criar subgrupos de pessoas dentro de uma categoria. Os sujeitos deviam pensar em pessoas da mesma idade ou em pessoas mais velhas. De acordo com o efeito de homogeneidade do exogrupo, os sujeitos criaram mais subgrupos quando pensaram em pessoas da sua idade do que quando pensaram em pessoas mais velhas (resultados semelhantes, com grupos etários, foram obtidos por Brewer e Lui, 1984, e Linville, Fischer e Salovey, 1989).

A variabilidade geral tem sido medida de forma directa, pedindo aos participantes que estimem, numa escala, qual o grau de semelhança entre os membros de um grupo. Esta medida foi utilizada em estudos como os de Doosje, Ellemers e Spears (1995), Goethals, Allinson e Frost (1979), Park e Rothbart (1982), Quattrone e Jones (1980), Simon e Pettigrew (1990). É, no entanto, uma medida relativamente obstrusiva, pois as pessoas apercebem-se do que está a ser medido. Além disso, é uma medida facilmente sujeita ao efeito de heurísticas. Assim, por exemplo, as pessoas podem ser guiadas pela heurística de que em todos os grupos existe todo o tipo de pessoas e, conseqüentemente, atribuir a mesma variabilidade ao endogrupo e ao exogrupo. Como forma de evitar este problema, foram desenvolvidas medidas indirectas de homogeneidade geral (Quattrone e Jones, 1980; Nisbett *et al.*, 1983). As medidas de generalização do comportamento de um indivíduo ao grupo como um todo são, por exemplo, consideradas medidas de variabilidade geral. No estudo de Quattrone e Jones (1980) os sujeitos viram um filme no qual um membro do seu grupo ou do exogrupo tomava uma determinada decisão. Posteriormente efectuaram uma tarefa na qual tinham que estimar a percentagem de membros do seu grupo e do exogrupo que tomariam a mesma decisão. Os resultados mostraram que a generalização foi maior no caso do exogrupo que no caso do endogrupo.

Outra medida de variabilidade consiste em inquirir qual é o grau de intensidade com que os sujeitos descrevem os membros dos grupos recorrendo a estereótipos (Park e Judd, 1990). Park e Rothbart (1982), por exemplo, pediram aos sujeitos que indicassem qual a proporção de membros de um grupo que possuíam características estereotípicas e anti estereotípicas. Os autores verificaram que os sujeitos percebiam o grupo ao qual não pertencem como sendo constituído por indivíduos com uma maior percentagem de atributos estereotípicos do que o grupo ao qual pertencem.

A maior parte das medidas de variabilidade baseia-se em atributos propostos pelo experimentador. No entanto, mais recentemente, também foram desenvolvidos procedimentos baseados em atributos gerados pelos sujeitos (Guinote, 1996; Haslam *et al.*, 1995). Estes procedimentos têm a vantagem de não usar atributos que, por motivos relacionados com diferenças na adequação normativa dos atributos (*normative fit*) do endogrupo e do exogrupo, possam enviesar os resultados da percepção de variabilidade (Haslam *et al.*, 1995). Foram obtidos bons resultados com metodologias nas quais os sujeitos caracterizam os grupos num formato aberto (Guinote, 1996), estas medidas têm a vantagem de evitar as dificuldades ligadas à interpretação de tarefas estruturadas. Nomeadamente, as medidas de percepção dimensional são difíceis de responder e requerem, muitas vezes, um

raciocínio aritmético complexo (ver Haslam *et al.*, 1995; Park e Judd, 1990). Esta questão torna-se particularmente relevante quando lidamos com grupos de baixo nível de escolaridade, como acontece com frequência com grupos de baixo estatuto.

As medidas de memória são outra forma de contornar este último problema. Elas têm a grande vantagem de não serem obstrusivas. As medidas utilizadas referem-se à memória para atributos subordinados ou supra-ordenados (Park e Rothbart, 1982) e a medidas de confusão intracategorial entre membros de um grupo (Cabecinhas, 1994; Lorenzi-Cioldi, Eagly e Stewart, 1995; Sedikides, 1997). Note-se, no entanto, que estas últimas medidas se encontram relacionadas com a representação de exemplares e não directamente com a representação ao nível do grupo.

Perspectivas relacionadas com modelos de representação categorial

As principais abordagens do efeito de homogeneidade do exogrupo fazem apelo a diferentes modelos de representação categorial. Segundo a abordagem da familiaridade (Linville, Salovey e Fischer, 1986; Linville *et al.*, 1989), a percepção de variabilidade de um grupo encontra-se directamente relacionada com o número de exemplares conhecidos desse grupo. Como normalmente temos maior familiaridade com membros de grupos, aos quais pertencemos, do que com membros de grupos aos quais não pertencemos, percebemos também maior variabilidade nos nossos grupos do que nos outros. Esta proposta baseia-se em modelos exemplares de representação categorial (Hintzman, 1986; Medin e Schaffer, 1978), segundo os quais as representações de uma categoria são constituídas por exemplares desta categoria. Percepções de distribuição são formadas activando os exemplares relacionados com a categoria e avaliando as probabilidades de diferentes valores com base na força relativa de activação desses valores (Linville *et al.*, 1989, p. 182). Linville e colegas encontraram suporte para o seu modelo numa série de estudos (Linville *et al.*, 1986; 1989). Em estudos longitudinais, estes autores puderam verificar que à medida que aumentava a familiaridade com o endogrupo, aumentava também a percepção da sua variabilidade. Este modelo foi ainda apoiado numa simulação por computador (Linville *et al.*, 1989). Desta autora é também conhecida a hipótese da complexidade-extremidade, segundo a qual quanto menos complexa é a representação que temos de um grupo, mais extremos são os nossos juízos — tanto positivos, como negativos — acerca desse grupo (Linville, 1982). Esta hipótese contrapõe-se a outras perspectivas, como a do efeito de ovelha negra (Marques, Yzerbyt e Leyens, 1988), segundo o qual se obtêm resultados mais extremos face a membros do grupo do próprio, o que é interpretado em termos de princípios motivacionais de favoritismo do endogrupo.

Existem, no entanto, estudos que contradizem a hipótese da familiaridade. Por exemplo, num estudo longitudinal, Brown e Wootton-Millward (1993) constataram que, apesar de ao longo do tempo haver um aumento na familiaridade com o endogrupo, a variabilidade percebida do endogrupo permaneceu inalterada.

No teste da hipótese de familiaridade são interessantes os casos em que os sujeitos têm igual familiaridade com o endogrupo e com o exogrupo. Nestas condições encontra-se, por exemplo, o género, uma vez que somos tão familiares com pessoas do nosso sexo como com pessoas do sexo oposto. Vários foram os estudos a utilizar grupos de género, mas os resultados obtidos divergem. Linville e colegas (1989) não encontraram, de acordo com as suas próprias hipóteses, diferenças na variabilidade percebida do endogrupo e do exogrupo. No entanto, a maior parte dos autores encontrou um efeito de variabilidade do exogrupo em grupos de género (Park e Rothbart, 1982; Park e Judd, 1990; Fiedler, Semin e Finkenauer, 1993). Outros estudos encontraram ainda resultados divergentes para sujeitos homens e mulheres. Enquanto nos homens se verifica um efeito de homogeneidade do exogrupo, nas mulheres tal efeito não se verifica, encontrando-se mesmo um efeito oposto no sentido de o endogrupo ser percebido de forma mais homogénea do que o exogrupo (Brown e Smith, 1989; Cabecinhas, 1994; Lorenzi-Cioldi, 1993; Lorenzi-Cioldi, Eagly e Stewart, 1995). Estes estudos parecem indicar que a familiaridade não é o único factor determinante da percepção de variabilidade e que as relações de poder entre os grupos são uma variável moderadora importante dos fenómenos de percepção social (para uma posição similar ao nível da percepção interpessoal ver Fiske, 1993; Fiske e Dépret, 1996). Contrários à hipótese da familiaridade são também os resultados que mostram que a percepção de variabilidade do exogrupo varia consoante o contexto intergrupar é competitivo ou cooperativo (Judd e Park, 1988). Neste estudo, enquanto o contexto competitivo se encontrava associado a um efeito de homogeneidade do exogrupo, no contexto cooperativo a percepção de variabilidade do endogrupo e do exogrupo era simétrica.

Uma segunda abordagem baseada em modelos exemplares de representação categorial é defendida por Kashima e Kashima (1993). Este modelo dual apoia-se no pressuposto de que a semelhança entre dois exemplares é determinada duplamente pelo número de características que os dois exemplares partilham e pelo número de características distintas nos dois exemplares. A percepção de variabilidade é, assim, determinada pelas semelhanças e pelas diferenças existentes entre os exemplares. Quando é necessário um juízo acerca da variabilidade do grupo, os seus exemplares são extraídos da memória e são feitas as comparações de semelhanças e de diferenças. Embora seja também um modelo exemplar, este modelo difere do modelo de Linville e colegas. Para Linville é o número absoluto de exemplares que é determinante da percepção de variabilidade. Para Kashima e Kashima só algumas características dos exemplares é que são comparadas; como consequência, um grupo pode ser percebido como muito variável se, por exemplo, for constituído por um número reduzido de indivíduos que sejam altamente diferentes entre si.

Baseados num modelo de representação categorial por abstracção directa, Judd e Park (1988; Park e Judd, 1990) propõe uma abordagem explicativa na qual defendem que a informação de variabilidade é abstraída *on-line*, à medida que contactamos os membros dos grupos. Estas posições baseiam-se em modelos de abstracção, como os modelos de protótipos (Posnes e Keele, 1968; Reed, 1972,

Rosch, 1978) e os modelos de frequência de atributos (Hayes-Roth e Hayes-Roth, 1977; Reitman e Bower, 1973). Segundo estes últimos modelos a representação categorial contém informação acerca da frequência das características individuais e das combinações de atributos (covariação). Os novos exemplares são classificados na medida em que os seus atributos são comparados com a frequência destes atributos nas várias categorias. Judd e Park defendem ainda que enquanto as representações relativas ao exogrupo são de tipo abstracto, as representações relativas ao endogrupo são representadas tanto por informação abstracta como por exemplares. Estes últimos podem ser evocados no momento da emissão de um julgamento acerca do endogrupo e contribuir para o aumento da sua variabilidade percebida.

Este modelo é apoiado por alguns estudos, como o de Park e Hastie (1987). Neste estudo foi manipulada a frequência com que os sujeitos observavam os comportamentos de pessoas do seu grupo ou do exogrupo. Os resultados mostram que embora a memória para os comportamentos acerca dos membros do grupo fosse melhor na condição em que os sujeitos viram os comportamentos duas vezes, este efeito não se reflectiu nos julgamentos acerca da variabilidade dos grupos, parecendo demonstrar que as representações de variabilidade tinham sido abstraídas *on-line*, quando os comportamentos foram vistos pela primeira vez.

Ostrom *et al.* (1993), por sua vez, sugerem que o efeito de homogeneidade do exogrupo se encontra relacionado com o processamento diferencial de informação relativa ao endogrupo e ao exogrupo. Enquanto que a informação relativa ao endogrupo se encontra organizada sob forma de categorias de pessoas, a informação relativa ao exogrupo está organizada por categorias de atributos. Uma excepção a este princípio foi encontrada em grupos de baixo estatuto (Sedikides, 1997). Neste caso, é a informação relativa ao exogrupo que se encontra organizada por categorias de pessoas, enquanto a informação acerca do endogrupo se encontra organizada por categorias de atributos.

O efeito de variáveis individuais na percepção de variabilidade também foi considerado. Assim, por exemplo, a percepção de variabilidade parece estar relacionada com a capacidade de fazer discriminações finas e organizar a informação numa série de categorias. Ben-Ari, Kedem e Levy-Weiner (1992) verificaram que pessoas mais complexas, que dispõem desta capacidade, percebem mais variabilidade tanto no endogrupo como do exogrupo, comparativamente com pessoas menos complexas.

Perspectivas motivacionais da percepção de variabilidade

As primeiras hipóteses de carácter motivacional apoiaram-se na teoria da identidade social (Tajfel, 1978, 1981a, 1981b; Tajfel e Turner, 1979) defendendo que o efeito de homogeneidade do exogrupo se encontra relacionado com a desindividuação dos membros do exogrupo, sendo um elemento facilitador da sua discriminação.² No entanto, é importante notar que tanto a teoria da identidade social de Tajfel, como a teoria da auto-categorização de Turner (Turner *et al.*, 1987) são, nas suas

versões originais, incompatíveis com assimetrias na percepção de variabilidade do endogrupo e do exogrupo. Segundo a TIS, a saliência da categorização leva a uma acentuação simétrica das semelhanças intracategoriais nos dois grupos, que é idêntica à que se verifica na percepção do mundo físico (Tajfel e Wilkes, 1963). Assim, quando o contexto intergrupar é saliente encontramos uma acentuação de semelhanças tanto do endogrupo como do exogrupo, associada a uma acentuação das diferenças intercategoriais (Tajfel, 1969; 1981b). É só em 1982, numa altura em que já tinham sido publicados alguns artigos sobre percepção de variabilidade, oriundos dos meandros da cognição social, (Jones *et al.*, 1981; Quattrone e Jones, 1980; Linville e Jones, 1980; Linville, 1982) que Tajfel se pronuncia face à acentuação assimétrica de semelhanças do endogrupo e do exogrupo:

The social accentuation of intragroup similarities is not, however, a symmetrical phenomenon applying evenly to ingroups and outgroups. One of the principal features, discussed earlier, of intergroup behavior and attitudes was the tendency shown by members of an ingroup to consider members of outgroups in a relatively uniform manner, as “undifferentiated items in a unified social category”. The endpoint of this process is the “depersonalization” and “dehumanization” of the outgroup which often occur in conditions of accurate intergroup tension (Tajfel, 1982, p. 21)

Esta foi a única referência que encontramos e não temos conhecimento de qualquer análise que permita explicar a origem desta assimetria no quadro dos efeitos da categorização tal como são defendidos pela teoria da identidade social. Em contrapartida, concepções posteriores introduziram conceitos que permitem uma explicação para as assimetrias na percepção de variabilidade. A hipótese da co-variação na percepção interindividual e intergrupar proposta por Deschamps (1982) é uma abordagem na qual se podem enquadrar fenómenos assimétricos na percepção de variabilidade.

A teoria da autocategorização (Turner *et al.*, 1987), por seu turno, baseia-se no princípio cognitivo da representação do *self* como determinante do nível interindividual ou intergrupar da percepção social. Segundo esta teoria, os contextos que salientam a categorização intergrupar levam a uma percepção dos membros do grupo como permutáveis entre si e à atribuição ao grupo de atributos socialmente partilhados. Relativamente ao endogrupo, esta atribuição de características estereotípicas passa pela autocategorização e auto-estereotipia de si próprio. Também segundo esta teoria, os contextos intergrupais salientes estão ligados a uma acentuação simétrica das semelhanças intracategoriais.

Esta posição é explicitamente defendida num artigo recente (Haslam *et al.*, 1995). Estes autores reinterpretam, inclusivamente, resultados relativos ao efeito de homogeneidade do exogrupo, afirmando que eles se devem a artefactos experimentais, nos quais são criadas condições implícitas de comparação intergrupar para o exogrupo, mas condições de comparação interpessoal para o endogrupo. Isto ocorre, por exemplo, nos estudos experimentais intersujeitos. De acordo com estas hipóteses, os autores demonstraram que quando o contexto comparativo

tornava ambos os grupos salientes, o efeito de homogeneidade do exogrupo desaparecia. Em contrapartida, quando só um grupo era julgado, foi possível encontrar um efeito de homogeneidade do exogrupo.

Uma abordagem motivacional mais recente é a da teoria da distintividade ideal (*optimal distinctiveness theory*, Brewer, 1991; Brewer e Gardner, 1996). Esta teoria baseia-se no pressuposto de que cada pessoa tem duas necessidades opostas que lhe devolvem o seu sentido pessoal: a necessidade de assimilação, ligada à identidade social, e a necessidade de diferenciação, ligada à identidade individual. O grau de inclusividade do endogrupo seria, para estes autores, um regulador importante do equilíbrio destas duas necessidades. Quanto maior o grupo, maior a sua inclusão e maior a necessidade dos seus membros acentuarem a sua identidade pessoal. Nesta perspectiva, as variações na percepção de variabilidade dos grupos estariam mais ligadas a variações ligadas à percepção do eu e do endogrupo e não a variações ligadas ao exogrupo. Como consequência, diz-nos Brewer, "such an interpretation directs attention away from the phenomenon of perceived outgroup homogeneity per se toward questions regarding the determinants of perceived variability of endogroups" (Brewer, 1993, p. 152).

Apesar das diferenças entre as abordagens ligadas à identidade social, elas têm factores em comum. Por um lado, todas elas pressupõem que os indivíduos derivam grande parte do seu autoconceito dos grupos aos quais pertencem. Por outro lado, o contexto é, nestas teorias, um factor determinante do peso dado a variáveis individuais ou a variáveis de nível grupal. Além disso, as perspectivas motivacionais indicam que a percepção de variabilidade pode ser estudada sem ser necessário recorrer a modelos de representação categorial.

A hipótese de que o efeito de homogeneidade do exogrupo estaria ligado à discriminação desse mesmo grupo e ao favoritismo em relação ao seu grupo não encontrou, no entanto, muito suporte empírico. Simon e colegas (Simon *et al.*, 1990) mostraram, utilizando uma variação do paradigma dos grupos mínimos, que manipulando a percepção de homogeneidade do exogrupo se obtinham efeitos no favoritismo em relação ao endogrupo: quanto maior a homogeneidade percebida do exogrupo, maior era o favoritismo em relação ao endogrupo. Em contrapartida, a percepção de homogeneidade do seu grupo não influenciava o favoritismo face ao mesmo. Noutros estudos não foi encontrada qualquer relação entre percepção de variabilidade e discriminação do exogrupo (Brown e Smith, 1989; Jones *et al.*, 1981; Judd e Park, 1988; Fiedler, Semin e Finkenauer, 1993; Linville e Jones, 1980; Park e Rothbart, 1982; Quattrone e Jones, 1980).

As perspectivas motivacionais têm tido uma especial aplicabilidade em contextos maioritários e minoritários, que serão apresentados de seguida.

Percepção de variabilidade de grupo em contextos maioritários e minoritários: a importância de factores contextuais

A investigação recente tem incidido, por um lado, na aplicação da percepção de variabilidade a diferentes áreas de percepção social e, por outro lado, aos efeitos

de contexto na percepção de variabilidade. A aplicação da percepção de variabilidade a domínios da percepção social tem-se alargado aos seus efeitos na mudança de estereótipos (Pettigrew, 1981; Linville, Salovey e Fischer, 1986; Park, Judd e Ryan, 1991), ao combate ao preconceito (Wilder, 1978; Park e Rothbart, 1982; Quattrone, 1986), ao favoritismo para com o endogrupo e discriminação do exogrupo (Simon e Brown, 1987; Simon, 1990), ao grau em que a informação estereotípica ou contra-estereotípica é usada em juízos acerca de indivíduos concretos (Lambert e Weyer, 1990; Johnston e Hewstone, 1990), à generalização do comportamento de um indivíduo ao grupo a que pertence (Quattrone e Jones, 1980; Nisbett *et al.*, 1983; Park e Hastie, 1987; Johnston e Hewstone, 1990) e ao grau em que indivíduos são percebidos com sendo membros de um grupo (Kashima e Kashima, 1993).

Outra área de estudo que se tem vindo a desenvolver refere-se aos factores contextuais que influenciam a percepção de variabilidade. Tem-se verificado que o efeito de homogeneidade do exogrupo não é um fenómeno estático e que certos factores contextuais são decisivos no grau em que membros do endogrupo e do exogrupo são percebidos como semelhantes entre si.

Entre eles têm sido estudados o grau de identificação com o endogrupo (Doosje, Ellemers e Spears, 1995; Simon e Brown, 1987; Simon e Pettigrew, 1990), a relevância dos atributos para a identidade social dos sujeitos (Brown e Wootton-Millward, 1993; Kelly, 1989) e o estatuto dos grupos (Doosje, Ellemers e Spears, 1995; Simon e Hamilton, 1994; Sedikides, 1997).

Tem-se verificado, por exemplo, que quando os atributos são importantes para a identidade social dos sujeitos, ou seja, quando estão relacionados com a definição dos grupos, os sujeitos reagem acentuando as semelhanças do seu grupo (Brown e Wootton-Millward, 1993; Kelly, 1989). O estatuto é outro factor importante. Enquanto os grupos de elevado estatuto organizam a informação acerca do exogrupo por categorias de atributos e a informação do endogrupo por pessoas, os grupos de baixo estatuto revelam uma tendência oposta (Sedikides, 1997).

Os contextos maioritários ou minoritários dos grupos têm sido fonte de interesse na investigação de variabilidade. Verificou-se que membros de grupos minoritários têm tendência a perceber o seu grupo de forma mais homogênea do que o exogrupo. Esta inversão do efeito de homogeneidade do exogrupo (o efeito de homogeneidade do endogrupo) foi testada através do paradigma dos grupos mínimos (Simon e Brown, 1987; Simon e Pettigrew, 1990) e com grupos naturais (Brown e Smith, 1989; Guinote, 1998; Simon, Glaessner-Bayerl e Stratenwerth, 1991). Mullen e Hu (1989) verificaram numa meta-análise que a percepção de variabilidade do endogrupo diminui com a redução da sua própria dimensão, o que gera um efeito de homogeneidade do endogrupo por parte de membros minoritários.

Vários esforços têm sido feitos no sentido de diferenciar este efeito de um efeito genérico de homogeneidade do grupo menor (ver Bartsch e Judd, 1993). Por exemplo Simon e Brown (1987), Simon (1992) e Karasawa e Brewer (1990, cit. in Brewer, 1993) mostraram que observadores externos que não pertencem a qualquer dos grupos não atribuem mais homogeneidade ao grupo mais pequeno do

que ao grupo maior. Além disso, verificou-se que a percepção de homogeneidade não parece estar, de modo geral, relacionada com a dimensão dos grupos. Simon (1992) e Simon e Hamilton (1994) constataram ainda que a dimensão do exogrupo não afecta a percepção de variabilidade do mesmo.

Simon e Brown (1987) avançaram uma explicação de tipo motivacional para o efeito de homogeneidade do endogrupo. Estes autores defendem que, por pertencerem a uma minoria, os indivíduos têm a sua auto-estima ameaçada, o que os levaria a acentuarem a sua identidade social positiva e a intensificarem a solidariedade no seio do grupo. Perceber maior semelhança no seio do seu endogrupo do que no do exogrupo seria uma das formas de aumentar a solidariedade. Os efeitos da acentuação da variabilidade do endogrupo na auto-estima dos seus membros nunca foram estudados com profundidade. Em contrapartida, os resultados parecem indicar que, na ausência de referências de valor, a pertença a uma minoria gera sentimentos desagradáveis nos indivíduos (Sachdev e Bourhis, 1991), parecendo que o estatuto minoritário está associado a uma ameaça. Esta ameaça poderá, no entanto, não estar directamente relacionada com preocupações ao nível da auto-estima, mas antes com preocupações ligadas ao controlo sobre resultados importantes para o indivíduo ou sobre o seu destino (Guinote, 1998).

A saliência dos grupos é outro factor que pode influenciar a percepção de variabilidade. Mullen (1991) é de opinião de que os grupos minoritários emergem como figura ou foco de atenção, enquanto as maiorias são relegadas para o pano de fundo perceptual. Nestas circunstâncias, a minoria é percebida, por ambos os grupos, em termos prototípicos, enquanto a maioria é percebida em termos de exemplares.

Simon propôs um modelo, o *esc-model* (modelo das categorizações egocêntricas; 1993), no qual sustenta que nas sociedades ocidentais há uma tendência para fazer categorizações egocêntricas, baseadas em comparações entre “eu” e “não-eu”. É apenas em certos contextos sociais, por exemplo, quando os membros de um grupo têm um destino comum, que passamos a fazer a distinção “nós” e “eles”. Nestas condições, há uma acentuação das semelhanças intracategoriais para ambos os grupos. Se acrescido a este facto existirem necessidades de protecção da auto-estima dos sujeitos, ligadas à pertença grupal, a acentuação de semelhanças do endogrupo aumenta, gerando-se um efeito de homogeneidade do endogrupo. Esta abordagem baseia-se na teoria da autocategorização e pressupõe que o efeito de homogeneidade do endogrupo está relacionado com um aumento da importância da identidade social por oposição à identidade pessoal. Alguns estudos parecem apoiar a hipótese da autocategorização por parte de membros minoritários (Simon e Pettigrew, 1990; Simon, 1992; Simon e Hamilton, 1994). Existem, no entanto, algumas incongruências nos resultados obtidos. Assim, por exemplo, foi obtida uma acentuação das semelhanças do endogrupo apenas para alguns, mas não para todos os atributos associados à categorização dos seus membros (Simon e Brown, 1987; Simon e Pettigrew, 1990; Thompson *et al.*, 1997). Um estudo revelou ainda um efeito de homogeneidade do endogrupo sem que tenha sido encontrada uma acentuação de semelhanças entre o *self* e o endogrupo (Simon, Glaessner e Stratenwerth, 1991).

Vários estudos, no entanto, indicam que os indivíduos minoritários se identificam mais fortemente com o seu grupo do que os indivíduos majoritários (Brewer e Lui, 1984; Guinote, 1996; Simon e Brown, 1987; Simon e Pettigrew, 1990), embora os motivos desta identificação e a sua relação com a percepção de variabilidade de grupo não pareçam estar completamente esclarecidos.

Uma perspectiva funcionalista da percepção de variabilidade

Segundo a abordagem proposta por Simon, o efeito relativo de homogeneidade do endogrupo encontrar-se-ia relacionado com uma acentuação de semelhanças dos membros do endogrupo, enquanto que as percepções relativas ao exogrupo permaneceriam constantes. Em termos gerais, esta posição vai ao encontro das perspectivas acima referidas da teoria da distintividade ideal de Brewer e pela teoria da autocategorização de Turner e colegas. No entanto, uma hipótese diferente emerge se considerarmos as necessidades adaptativas dos membros de grupos minoritários. Os membros de minorias têm de adaptar o seu comportamento ao contexto majoritário e têm, portanto, que seguir as regras majoritárias. Como consequência desta necessidade de adaptação, os membros minoritários poderão estar particularmente atentos à informação relativa ao exogrupo, o que por sua vez conduzirá a um efeito de maior diferenciação do exogrupo. Como refere Heider “adequate perception helps the perceiver to control the part of the environment that is perceived. In Lewin’s terms, an unstructured region, that is, a region whose properties are not known to the person, can be considered to be a barrier which makes action impossible... knowledge can help to bring about a relationship of mastery and dependence” (Heider, 1958, pp. 30-31). Nestas circunstâncias, a assimetria na percepção de variabilidade por parte das minorias seria devida a um aumento da diferenciação relativa ao exogrupo e não primariamente a uma acentuação das semelhanças no interior do endogrupo.

Esta hipótese encontrou algum apoio num estudo com imigrantes portugueses residentes na Alemanha (Guinote, 1998) e num estudo com as minorias mexicana e negra nos Estados Unidos da América (Stephan, 1977). Utilizando um procedimento baseado em atributos gerados pelos participantes, foi encontrada uma assimetria na percepção de variabilidade por parte do grupo em contexto minoritário (portugueses residentes na Alemanha) que estava relacionada com um aumento da diferenciação dos membros do exogrupo e não com a acentuação das semelhanças no interior do endogrupo (Guinote, 1998). A hipótese de diferenciação do exogrupo já tinha sido proposta por Stephan (1977). Este autor defendeu a opinião de que, como os grupos aos quais não pertencemos representam muitas vezes uma ameaça, temos tendência a desenvolver uma percepção diferenciada dos seus membros, no sentido de aumentar a previsibilidade e compreensão do seu comportamento. Stephan confirmou a sua hipótese de diferenciação do exogrupo. Curiosamente, os dois grupos estudados eram minorias étnicas (mexicanos e negros), facto que passou despercebido ao autor. Este defendia a hipótese da diferenciação do exogrupo como uma hipótese geral. Infelizmente, como esta

hipótese não veio a receber suporte, pouco interesse tem sido devotado às condições que podem estar na base da diferenciação de membros do exogrupo.

Em contrapartida, estudos na área da sociologia das migrações (Berry, 1976; Hannigan, 1990; Hill e Schnell, 1990; Winkelman, 1994) e na formação de impressões (Fiske, 1993; Riley e Fiske, 1991) apoiam indirectamente a hipótese de diferenciação do exogrupo. Berry pôde verificar que os imigrantes modificam o seu comportamento na direcção das influências aculturativas da sociedade de acolhimento e que a diferenciação perceptual é o factor que mais facilita esta aprendizagem e diminui o *stress* da aculturação. Outros estudos mostram que os imigrantes desenvolvem uma percepção diferenciada da cultura de acolhimento (Hannigan, 1990; Winkelman, 1994). Os estudos na área da formação de impressões, por outro lado, mostram que normalmente seguimos uma orientação categorial no processamento de informação relativa a membros do exogrupo (Fiske e Neuberg, 1990). No entanto, em condições de dependência face a membros do exogrupo, passamos a fazer um processamento individualizado da informação acerca desse grupo. Seguindo este princípio, é de supor que, como as minorias estão dependentes de membros do exogrupo, elas estarão orientadas para um processamento individualizado da informação acerca do exogrupo o que contribuirá para um efeito de diferenciação desse mesmo grupo.

Este efeito parece ser, no entanto, diferente de um mero efeito de familiaridade, na medida em que, por um lado, as minorias como os imigrantes não têm, normalmente, acumulada maior familiaridade com o exogrupo do que com o endogrupo. Por outro lado, as representações acerca dos dois grupos e o processamento da informação por parte das minorias parece diferenciar-se do das maiorias: os membros minoritários revelam, nomeadamente, uma elevada elaboração e integração da informação relativa ao seu grupo e ao outro grupo, tentando criar um todo com significado (ver Guinote, 1996, 1998).³ Esta elaboração e integração tinham sido detectadas nos estudos de Bartlett com grupos étnicos. Um dos métodos que o autor desenvolveu foi a reprodução de histórias em série. Utilizando este método Bartlett concluiu que "there will be persistent rationalisation [a tendency to connect the parts, to give a setting and to explain what is presented, representing an 'effort after meaning'], both of a whole story and of its details, until a form is reached which can be readily dealt with by all the subjects belonging to the special social group concerned. This may result in considerable elaboration" (Bartlett, 1932, p. 138). A integração, a que Bartlett chamava então *racionalização*, pode ser assim uma forma de compensar falhas ao nível da diferenciação da informação relativa ao exogrupo.

A perspectiva da diferenciação do exogrupo em contextos minoritários está de acordo com posições defendidas pelos psicólogos pragmáticos, como James, Angell, Bawden e Dewey, há um século atrás (ver Leahey, 1987). Segundo estes autores a consciência tem a função de guiar a adaptação individual ao fluxo das mudanças. Ela emerge quando há uma necessidade adaptativa premente. Como afirma John Dewey, "So long as custom reigns, as tradition prevails, so long as values are determined by instinct and habit, there is no conscious question..." (cit. in Leahey, 1987, p. 264).

Neste artigo apresentámos os principais resultados, as medidas, abordagens explicativas e as evoluções recentes nos estudos de percepção de variabilidade dos grupos. Podemos verificar uma evolução no sentido de se abandonarem modelos estáticos de processamento da informação, condicionados pelo *hardware* humano, para se passar a considerar uma flexibilidade no funcionamento cognitivo que o coloca ao serviço da adaptação social e das necessidades do perceptor social. Por outro lado, são cada vez mais as perspectivas de aplicação da percepção de variabilidade a outras áreas da psicologia social. Nomeadamente, a introdução deste conceito nos estudos de combate ao preconceito e à discriminação intergrupais tem um potencial promissor.

Notas

- 1 Para um atributo com m níveis discretos, a probabilidade de diferenciação é dada por $P_d = 1 - \sum_{i=1}^m p_i^2$ em que p_i é a proporção de membros do grupo descritos no nível i do atributo em questão.
- 2 Note-se que o conceito de desindividuação se diferencia do conceito de despersonalização utilizado na teoria da auto-categorização (Turner *et al.*, 1987). Assim, a despersonalização não é “a loss of individual identity, nor a loss or submergence of the self in the group (as concept of de-individuation) ... it is the change from the personal to the social level of identity...” (Turner *et al.*, 1987, p. 51).
- 3 O conceito de complexidade do conhecimento engloba duas vertentes: a diferenciação do conhecimento — ou seja, o número de partes num dado sistema, e o conceito de integração que se refere à organização dessas partes (Witkin *et al.*, 1962).

Referências

- Allport, G. W. (1954). *The nature of prejudice*. Reading, MA: Addison-Wesley.
- Bartlett, F. C. (1932). *Remembering: A study in experimental and social psychology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bartsch, R. A., & Judd, C. M. (1993). Majority and minority status and perceived variability revised. *European Journal of Social Psychology*, 23, 471-485.
- Ben-Ari, R., Kedem, P., & Levy-Weiner, N. (1992). Cognitive complexity and intergroup perception and evaluation. *Personality and Individual Differences*, 13, 1291-1298.
- Berry, J. W. (1976). *Human ecology and cognitive style*. Nova Iorque: Sage Publications.
- Brewer, M. (1991). The social self: On being the same and different at the same time. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 17, 475-482.
- Brewer, M. (1993). Social identity, distinctiveness, and in-group homogeneity. *Social Cognition*, 11, 150-164.
- Brewer, M., & Gardner, W. (1996). Who is this “we”? Levels of collective identity self representations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71, 83-93.

- Brewer, M., & Lui, L. (1984). Categorization of the elderly by the elderly: Effects of perceiver's category membership. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 10, 585-595.
- Brown, R., & Smith, A. (1989). Perceptions of and by minority groups: The case of women in academia. *European Journal of Social Psychology*, 19, 61-75.
- Brown, R., & Wootton-Millward, L. (1993). Perceptions of group homogeneity during group formation and change. *Social Cognition*, 11, 126-149.
- Cabecinhas, R. (1994). *Assimetrias na percepção dos outros: para uma abordagem psicossociológica do processamento da informação sobre grupos sociais*, Dissertação de Mestrado. Lisboa: ISCTE
- Deschamps, J. (1982). Différentiations entre soi et autrui et entre groupes. In J. Codol, & J. Leyens (Eds.), *Cognitive analysis of social behaviour*. Haia: Martinus Nijhoff.
- Doosje, B., Ellemers, N., & Spears, R. (1995). Perceived intragroup variability as a function of group status and identification. *Journal of Experimental Social Psychology*, 31, 410-436.
- Devos, T., Comby, L., & Deschamps, J. C. (1996). Asymmetries in judgements of ingroup and outgroup variability. *European Review of Social Psychology*, 7, 95-144.
- Fiedler, K., Semin, G. R., & Finkenauer, C. (1993). The battle of words between gender groups: A language-based approach to intergroup processes. *Human Communication Research*, 19, 409-411.
- Goethals, G. R., Allison, S. J., & Frost, M. (1979). Perceptions of the magnitude and diversity of social support. *Journal of Experimental Social Psychology*, 15, 570-581.
- Guinote, A. (1996). *Gruppenwahrnehmung im Minderheits- und Mehrheitskontext: Portugiesen in Deutschland und in Portugal* [Percepção de Grupo em Contexto Minoritário e Maioritário: Portugueses na Alemanha e em Portugal]. Frankfurt: Peter Lang.
- Guinote, A. (1998). The perception of intragroup variability in a minority and a non-minority context: the role of perceived variability in social adaptation (under review).
- Fiske, S. T. (1993). Controlling other people. *American Psychologist*, 48, 621-628.
- Fiske, S. T., & Neuberg, S. L. (1990). A continuum of impression formation, from category-based to individuating processes: Influences of information and motivation on attention and interpretation. *Advances in Experimental Social Psychology*, 23, 1-74.
- Fiske, S., & Dépret, E. (1996). Control, interdependence and power: Understanding social cognition in its social context. *European Review of Social Psychology*, 7, 31-61.
- Hannigan, T. (1990). Traits, attitudes, and skills that are related to intercultural effectiveness and their implications for cross-cultural training: A review of the literature. *International Journal of Intercultural Relations*, 14, 89-111.
- Haslam, S. A., Oakes, P. J., Turner, J. C., & McGarty, C. (1995). Social categorization and group homogeneity: Changes in the perceived applicability of stereotype content as a function of comparative context and trait favourableness. *British Journal of Social Psychology*, 34, 139-160.
- Hayes-Roth, B., & Hayes-Roth, F. (1977). Concept learning and the recognition and classification of exemplars. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, 16, 321-338.

- Heider, F. (1958). Consciousness, the perceptual world, and communications with others. In R. Tagiuri, & L. Petrullo (Eds.), *Person perception and interpersonal behavior*. Palo Alto, CA: Stanford University Press.
- Hill, P. B., & Schnell, R. (1990). Was ist identitaet? [O que é a identidade?]. In H. Esser, & J. Friedrichs (Eds.), *Generation und Identitaet: theoretische und empirische Beitræge zur Migrationssoziologie*. Opladen: Wetsdeutscher Verlag.
- Hintzman, D. L. (1986). "Schema abstraction" in a multiple-trace memory model. *Psychological Review*, 93, 411-428.
- Jones, E. E., Wood, G. C., & Quattrone, G. A. (1981). Perceived variability of personal characteristics in in-groups and out-groups: The role of knowledge and evaluation. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 7, 3, 523-528.
- Johnston, L., & Hewstone, M. (1990). Intergroup contact: Social identity and social cognition. In D. Abrams, & M. A. Hogg (Eds.), *Social identity theory: Constructive and critical advances*. Hemel Hempstead.
- Judd, C. M., & Park, B. (1988). Out-group homogeneity: Judgments of variability at the individual and group levels. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54, 778-788.
- Kashima, E. S., & Kashima Y. (1993). Perceptions of general variability of social groups. *Social Cognition*, 11, 1-21.
- Kelly, C. (1989). Political identity and perceived intragroup homogeneity. *British Journal of Social Psychology*, 28, 239-250.
- Lambert, A. J., & Wyer, R. S. (1990). Stereotypes and social judgment: The effects of typicality and group heterogeneity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, 676-691.
- Leahey, T. H. (1987). *A history of psychology: Main currents in psychological thought*. Nova Jérsia: Prentice-Hall.
- Linville, P. (1982). The complexity-extremity effect and age-based stereotyping. *Journal of Personality and Social Psychology*, 42, 193-211.
- Linville, P. W., Fischer, G. W., & Salovey, P. (1989). Perceived distributions of the characteristics of in-group and out-group members: Empirical evidence and a computer simulation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57, 165-188.
- Linville, P. W. e Jones, E. E. (1980). Polarized appraisals of out-group members. *Journal of Personality and Social Psychology*, 38, 689-703.
- Linville, P. W., Salovey, P., & Fischer, G. W. (1986). Stereotyping and perceived distributions of social characteristics: An application to ingroup-outgroup perception. In J. F. Dovidio, & S. L. Gaertner (Eds.), *Prejudice, discrimination, and racism*. Nova Iorque: Academic Press.
- Marques, J., Yzerbyt, V., & Leyens, J. (1988). The black sheep effect: Judgemental extremity towards ingroup members in inter and intragroup situations. *European Journal of Social Psychology*, 18, 1-16.
- Medin, D. L., & Schaffer, M. M. (1978). Context theory of classification learning. *Psychological Review*, 85, 207-238.
- Lorenzi-Cioldi, F. (1993). They all look alike, but so do we... sometimes: Perceptions of in-group and out-group homogeneity as a function of sex and context. *British Journal of Social Psychology*, 32, 111-124.
- Lorenzi-Cioldi, F., Eagly, A., & Stewart, T. (1995). Homogeneity of gender groups in memory. *Journal of Experimental Social Psychology*, 31, 193-217.

- Mullen, B. (1991). Group composition, salience, and cognitive representations: The phenomenology of being in a group. *Journal of Experimental Social Psychology*, 27, 297-323.
- Mullen, B., & Hu, L. T. (1989). Perceptions of ingroup and outgroup variability: A meta-analytic integration. *Basic and Applied Social Psychology*, 10, 233-252.
- Nisbett, R. E., Krantz, D. H., Jepson, C., & Kunda, Z. (1983). The use of statistical heuristics in everyday intuitive reasoning. *Psychological Review*, 90, 339-363.
- Ostrom, T. M., Carpenter, S. L., Sedikides, C., & Li, F. (1993). Differential processing of ingroup and outgroup information. *Journal of Personality and Social Psychology*, 64, 21-34.
- Park, B., & Hastie, R. (1987). Perception of variability in category development: Instance-versus abstraction-based stereotypes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 53, 621-635.
- Park, B., Judd, C. M., & Ryan, C. S. (1991). Social categorization and the representation of variability information. *European Review of Social Psychology*, 2, 211-245.
- Park, B., & Judd, C. M. (1990). Measures and models of perceived group variability. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, 173-191.
- Park, B., & Rothbart, M. (1982). Perception of out-group homogeneity and levels of social categorization: Memory for the subordinate attributes of in-group and out-group members. *Journal of Personality and Social Psychology*, 42, 1051-1068.
- Pettigrew, T. F. (1981). Extending the stereotype concept. In D. L. Hamilton (Ed), *Cognitive processes in stereotyping and intergroup behavior*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Posner, M. I., & Keele, S. W. (1968). On the genesis of abstract ideas. *Journal of Experimental Psychology*, 77, 353-363.
- Quattrone, G. A. (1986). On the perception of a group's variability. In S. Worchel, & W. G. Austin (Eds.), *Psychology of intergroup relations*. Chicago: Nelson-Hall Publishers.
- Quattrone, G. A., & Jones, E. E. (1980). The perception of variability within ingroups and outgroups: Implications for the law of small numbers. *Journal of Personality and Social Psychology*, 38, 141-152.
- Reed, S. K. (1972). Pattern recognition and categorization. *Cognitive Psychology*, 3, 382-407.
- Reitman, J. S., & Bower, G. H. (1973). Storage and later recognition of exemplars of concepts. *Cognitive Psychology*, 4, 194-206.
- Riley, T., & Fiske, S. T. (1991). Interdependence and the social context of impression formation. *European Bulletin of Cognitive Psychology*, 11, 173-192.
- Rosch, E. (1978). Principles of categorization. In E. Rosch, & B. B. Lloyd (Eds.), *Cognition and Categorization* (pp. 27-48). Hillsdale.
- Sachdev, I., & Bourhis, R. (1991). Power and status differentials in minority and majority group relations. *European Journal of Social Psychology*, 21, 1-24.
- Sedikides, C. (1997). Differential processing of ingroup and outgroup information: The role of relative group status in permeable boundary groups. *European Journal of Social Psychology*, 27, 121-144.
- Simon, B. (1992). The perception of ingroup and outgroup homogeneity: Reintroducing the intergroup context. *European Review of Social Psychology*, 3, 1-30.

- Simon, B. (1993). On the asymmetry in the cognitive construal of ingroup and outgroup: A model of egocentric social categorization. *European Journal of Social Psychology*, 23, 131-147.
- Simon, B., & Brown, R. (1987). Perceived intragroup homogeneity in minority-majority contexts. *Journal of Personality and Social Psychology*, 53, 703-711.
- Simon, B., Glässner-Bayerl, B., & Stratenwerth, I. (1991). Stereotyping and self-stereotyping in a natural intergroup context: The case of heterosexual and homosexual men. *Social Psychology Quarterly*, 54, 252-266.
- Simon, B., & Hamilton, D. L. (1994). Self-stereotyping and social context: The effects of relative in-group size and in-group status. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66, 699-711.
- Simon, B., Mlicki, P., Johnston, L. Caetano, A., Warowicki, M., Knippenberg, v., & Deridder, R. (1990). The effects of ingroup and outgroup homogeneity on ingroup favouritism, stereotyping and overestimation of relative ingroup size. *European Journal of Social Psychology*, 20, 519-523.
- Simon, B., & Pettigrew, T. F. (1990). Social identity and perceived group homogeneity: Evidence for the ingroup homogeneity effect. *European Journal of Social Psychology*, 20, 269-286.
- Stephan, W. G. (1977). Cognitive differentiation in intergroup perception. *Sociometry*, 40, 50-58.
- Tajfel, H. (1981). Social stereotypes and social groups. In J. Turner, & H. Giles (Eds.), *Intergroup behaviour*. Oxford.
- Tajfel, H. (1969). Cognitive aspects of prejudice. *Journal of Social Issues*, 25, 79-97.
- Tajfel, H. (1978). Social categorization, social identity and social comparison. In H. Tajfel (Ed), *Differentiation between social groups*. Londres.
- Tajfel, H. (1981a). *Human groups and social categories*. Cambridge
- Tajfel, H. (1981b). Social stereotypes and social groups. In J. Turner, & H. Giles (Eds.), *Intergroup behaviour*. Oxford
- Tajfel, H. (1982). Social psychology of intergroup relations. *Annual Review of Psychology*, 33, 1-39.
- Tajfel, H., & Wilkes, A. (1963). Classification and quantitative judgement. *British Journal of Social Psychology*, 54, 101-114.
- Thompson, S., Kohles, J., Otsuki, T., & Kent, D. (1997). Perceptions of attitudinal similarity in ethnic groups in the U. S.: Ingroup and outgroup homogeneity effects. *European Journal of Social Psychology*, 27, 209-220.
- Wilder, D. A. (1978). Reduction of intergroup discrimination through individuation of the out-group. *Journal of Personality and Social Psychology*, 36, 1361-1374.
- Winkelman, M. (1994). Cultural shock and adaptation. *Journal of Counseling and Development*, 73, 121-126.
- Witkin, H. A., Dyk, R. B., Faterson, H. F., Goodnenough, D. R., & Karp, S. A. (1962). *Psychological differentiation*. Nova Iorque: John Wiley.

Perception of Group Variability: Theoretical Frameworks, Empirical Studies, and Current Trendes (abstract) Normally outgroup members are perceived in a less differentiated and complex fashion than ingroup members. This outgroup

homogeneity effect has been one of the most important fields of interest in research on intergroup perception. In this article, measures of perceived group variability, main results and explanations for this effect are discussed. Moreover, recent trends in research are presented: namely, an overview of contextual factors affecting perceived group variability, such as the majority and minority contexts, and the application of perceived group variability to other areas of social psychology. Finally, the need to consider perceived group variability in relation to functional needs of the social perceiver is discussed.
